

**CURRÍCULO, DOCÊNCIA E ESCOLA**

*Nilda Alves\**

Há muitos anos atrás, um querido professor, Silveira Lobo, que era então meu colega na UFF de onde me aposentei em 1995 para assumir o cargo que tenho na UERJ, contou-me uma história:

*Em determinado ano da década de 80, um Prefeito de Estrasburgo, na França, ao tomar posse marcou com o Reitor da Universidade local para discutirem sobre as possibilidades de ajuda desta à municipalidade. O Reitor o recebeu com toda a pompa e circunstâncias e fez uma preleção ajudada por transparências e um retroprojetor (ainda não tinham presença nem computadores, nem o power point). O prefeito ouviu atentamente a explanação que durou uma hora e meia. Quando terminou a fala do Reitor, todos os presentes ficaram à espera do que o Prefeito falaria. E ele disse: ‘Magnífico Reitor, não creio que possamos trabalhar juntos. Eu tenho problemas a resolver e o senhor tem departamentos que se organizam em disciplinas.’*

Todas as vezes que começo a pensar em formação de professores - minha grande preocupação durante toda a minha vida profissional, especialmente como pesquisadora - lembro desta história e me pergunto: ‘como a Universidade ou as universidades, reconhecidas como as grandes formadoras desses profissionais, no presente, vão responder a esta grande questão se estão divididas em departamentos que se entendem como disciplinares?’

Os seis grandes desafios, penso eu, na formação de professores, hoje, são: 1) saber trabalhar em conjunto para recuperar a unidade do conhecimento perdida; 2) capacitar-se para ‘conversar’ de igual para igual com todas as agências que atuam nas redes de que todos fazemos parte: as mídias – em especial televisão e internet;

---

\* Professora titular da UERJ; coordenadora do Laboratório Educação e Imagem ([www.lab-eduimagem.pro.br](http://www.lab-eduimagem.pro.br))

as organizações religiosas – que buscam se introduzir na escola de modo crescente e que estão enviando seus quadros para que os formemos pedagogicamente; as organizações sindicais e organizativas dos trabalhadores que, embora enfraquecidas, são aquelas reconhecidas como as que podem negociar as condições materiais de trabalho; os sistemas de governo que organizam os sistemas de ensino; os patrões de todo o tipo com quem é preciso negociar; 3) acompanhar e intervir no modo como as ciências se desenvolvem, no presente, e com o conteúdo que ‘fabricam’; 4) reconhecer as diversidades com que trabalha – de raças, de opções sexuais, de diferenças econômicas, de formações culturais múltiplas, enfim – encontrando condições de trabalho respeitadas para os estudantes com que tem contato e a responsabilidade de ensinar; 5) reconhecer-se como *docentediscente*, permanentemente, tendo muito o que ensinar, mas aprendendo o tempo todo com as pessoas com que lida e que adquirem o *status* de *discentesdocentes*; 6) reconhecer e participar da riqueza cultural humana em todas as suas formas de expressão.

Frente a este quadro, talvez precisássemos nos colocar a possibilidade de formular um sonho que vai muito além das estruturas disciplinares e departamentais que as universidades têm hoje. Como enfrentar este desafio? Que saídas criativas encontrar para responde-lo de modo mais coerente com as necessidades dos diversos grupos sociais e daqueles que se formam, bem como as possibilidades pedagógicas atuais?

Vamos reconhecer, para começar, que a organização curricular que temos hoje, em disciplinas – nas quais as teóricas sempre têm precedência sobre as práticas, quando entramos em contato com aquilo que é chamado ‘realidade’ - foi estruturada sob o período napoleônico na França, ou seja, em inícios do século XIX. Mas o mundo mudou imensamente de lá para cá e o que aconteceu com a universidade?<sup>1</sup> Nossa reforma universitária, desenvolvida durante a ditadura militar, criou e aprofundou esta estrutura departamental/disciplinar, com hierarquias intensas entre as diversas áreas do conhecimento, que não quero discutir aqui.

E agora que passamos a ser o ‘locus’ eleito, pela legislação que se formula e por autoridades federais, de formação de todos os professores, o que fazer? Este

---

<sup>1</sup> Não vou entrar nos detalhes das formas diferenciadas de estrutura universitária – a Alemanha e a Inglaterra estão longe de nossas propostas para esta instituição.

modo departamental/disciplinar se tornou, incrivelmente, limitante para enfrentar os desafios acima colocados. Teremos condições de ir além destes limites, conjuntamente, pois é isto que o momento presente exige?

Pensemos o caso das universidades públicas que são sempre as que formulam saídas interessantes. A legislação atual (Lei n. 93.04/96) inclui um dispositivo que não tem sido utilizado pelas universidades em nenhum caso, mas que seria de grande utilidade no caso da formação de professores necessária ao momento presente e que nos permitiria ir além da idéia de que é preciso cumprir o decidido e indicado por Conselhos e Ordens. Refiro-me ao seguinte: *Art. 81. É permitida a organização de cursos ou instituições de ensino experimentais, desde que obedecidas as disposições desta Lei.*

Ao invés de vermos como se reduz a carga da formação a sua expressão mais simples, em especial no que se refere ao que cabe a Faculdade de Educação, não seria o caso de, em cada universidade, formamos uma comissão que pensando no que é necessário aos que estamos formando, àqueles que precisam da escola, em especial a pública, para se formarem como seres completos que lidam com os outros como legítimo OUTRO, a este país e ao estado em que vivemos, pudesse propor a nossos órgãos superiores e a Universidade como um todo, experiências curriculares ricas e complexas, aproveitando o que já se produziu até aqui em experiências particulares e no que já se escreveu e produziu em pesquisas no campo da educação?

Quem aceitará este desafio?

**INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS**

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico publicado em periódico eletrônico deve ser citado da seguinte forma:

ALVES, Nilda. Currículo, Docência e Escola. **Revista Eletrônica Espaço do Currículo**, João Pessoa-PB, ano 1, nº. 2, nov. 2008. Disponível em: <http://www.aepppc.org.br/revista/>. Acesso em: